

# ATITUDE MOTIVADORA DE DOCENTES E A APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II: desafios para uma prática educativa

## THE TEACHER'S MOTIVATING ATTITUDE AND STUDENT LEARNING IN BASIC EDUCATION: challenges for educational practice

*Vanessa Paetzold<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Aos educadores dispostos a se libertar dos dogmas da escola do século XX, é necessário o conhecimento das descobertas das neurociências para obter conceitos sobre o funcionamento do cérebro, para modificar sua prática pedagógica. Assim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar atitudes dos docentes que motivam os alunos do Ensino Fundamental II e contribuem no processo de aprendizagem. Para a realização do trabalho, foi feita uma pesquisa descritiva, cuja técnica foi o questionário. Esse contou com a participação de 102 alunos do Ensino Fundamental II de uma escola pública do município de Dois Irmãos, RS, Brasil. Após a análise dos dados, foram indicadas algumas sugestões para uma prática docente que torne a aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Atitudes. Docentes. Motivação. Aprendizagem.

**ABSTRACT:** For educators willing to free themselves from the dogmas of the Twentieth Century's school, knowledge on the discoveries of neuroscience concepts regarding the functioning of the brain are necessary to modify their teaching practices. Thus, the aim of this study was to analyze teachers' attitudes that motivate students of the elementary school II level and contribute to the learning process. To perform this work, a descriptive research study was carried out by using the questionnaire research technique. This included the participation of 102 students of the basic education II level of a public school in the city of Dois Irmãos, RS, Brazil. After analyzing the data, some suggestions were given for a meaningful teaching practice.

**Keywords:** Attitudes. Teachers. Motivation. Learning.

### 1 INTRODUÇÃO

Aos educadores dispostos a se libertar dos dogmas da escola do século XX é necessário o conhecimento das descobertas das neurociências para obter conceitos sobre o funcionamento do cérebro. Isso facilitaria a modificação da sua prática pedagógica (FLOR; CARVALHO, 2011), pois, como afirma Almeida (2008), as investigações wallonianas<sup>2</sup> permitem explorar na educação a relação – de afetividade – entre professor e aluno.

Explicando melhor, as neurociências, conjunto das disciplinas de anatomia, fisiologia, neurologia, biologia, aliadas às de comportamentos como psicologia e psiquiatria e fazendo interdisciplinaridade também com a linguística e educação, visam esclarecer, entre outros, o processo de aprendizagem (FLOR; CARVALHO, 2011). Essa, conforme Relvas (2010), envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicológicos, sociais e culturais. E esse processo complexo resulta do desen-

<sup>1</sup> Licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela PUCRS. Professora de Ensino Fundamental e Médio e especialista em Neurociências e Educação pelo ISEI.

<sup>2</sup> A afetividade é um tema central na obra de Henri Wallon, que propôs o estudo da pessoa como um todo, tanto em relação a seu caráter cognitivo como ao caráter afetivo e motor.

volvimento de capacidades e de conhecimentos, bem como da passagem desses para novas situações. O ato ou a vontade de aprender é uma particularidade do psiquismo humano por estar sempre em mutação e procurar informações para a aprendizagem.

O ser humano nasce com a capacidade de aprender, mas precisa de estímulos externos e internos, como a motivação, para o aprendizado. Geralmente, a aprendizagem ocorre no meio social e temporal do indivíduo, fazendo assim com que sua conduta mude, justamente devido a esses fatores e por predisposições genéticas, afirma Relvas (2010, p. 91).

Sendo assim, entre os motivos que justificam este estudo, destaca-se que cada indivíduo aprende de uma maneira; logo, uma única metodologia não abrangerá todos os estudantes a fim de que esses adquiram uma aprendizagem significativa. Além disso, cada docente apresenta um comportamento singular em sala de aula, que atinge parte dos alunos, e os demais permanecem sem assimilar o que lhes é exposto. Muitos estudantes demonstram interesse em certas disciplinas e em outras não. Também alegam preferir um professor a outro, e essa preferência leva em consideração o método de lecionar do docente.

Então, para entender a influência da motivação dos docentes na aprendizagem dos discentes, além dos processos neurobiológicos envolvidos, é necessário compreender por que não são todos os alunos, igualmente, que têm uma aprendizagem significativa. Fica, por isso, a pergunta: quais atitudes os docentes devem oferecer para motivá-los?

Com isso, o objetivo geral deste trabalho foi analisar atitudes dos docentes que motivam os alunos do Ensino Fundamental II e contribuem no processo de aprendizagem, que teve como objetivos específicos: identificar os sistemas neurobiológicos envolvidos na motivação e demonstrar a sua conexão com a emoção; reconhecer, através dos alunos, como os professores motivam o seu estudo; distinguir atitudes motivadoras e não motivadoras no processo de ensino e avaliar as atitudes citadas e propor sugestões para uma prática docente que torne a aprendizagem significativa.

## 2 RELAÇÃO NEUROCIÊNCIAS E APRENDIZAGEM

A grande maioria dos neurocientistas afirma que a explicação do aprendizado consiste no fortalecimento das conexões mais usadas entre os neurônios (HERCULANO-HOUZEL, 2012, p. 130). Essas conexões são as sinapses. Elas consistem na transferência da informação, na forma de impulsos elétricos, de um neurônio a outro (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2008).

O terminal axonal – ou botão sináptico – do neurônio pré-sináptico é o local que entra em contato com outro neurônio (o pós-sináptico) e que passa a informação para o mesmo. Esse espaço entre a membrana pré e pós-sináptica denomina-se fenda sináptica (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2008).

No botão sináptico estão as vesículas sinápticas, que liberam neurotransmissores – impulsos elétricos que se transformam em sinais químicos – na fenda sináptica. Na membrana pós-sináptica, eles são novamente transformados em impulso elétrico após serem recebidos pelos receptores dos neurônios pós-sinápticos (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2008).

O que auxilia esse processo é o meio em que o indivíduo se encontra, pois, para Herculano-Houzel (2012, p. 136), já se sabe que a vida em um ambiente rico em variedade de estímulos aumenta o número de sinapses no hipocampo, estrutura límbica relacionada à memória.

Neurobiologicamente há muito tempo, os cientistas acreditam que a aprendizagem envolve mudanças permanentes no cérebro, resultantes da exposição a acontecimentos ambientais, e ela ocorre devido às alterações nas sinapses. Então, quando um neurônio estimula outro, o metabolismo dessas células muda, o que fortalece a sinapse entre eles. Assim, a descarga de um dos neurônios torna muito mais provável a descarga do outro. Consequentemente, a aprendizagem deve estar associada a um número aumentado de conexões sinápticas (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005).

Já para Cosenza e Guerra (2011, p. 38), a aprendizagem ocorre quando os neurotransmissores são liberados em maior quantidade ou a sua ação é mais eficiente na membrana pós-sináptica, ou seja, quando há uma facilitação da passagem da informação nas sinapses. Assim, as sinapses existentes são mais eficientes, e não há formação de novas ligações para que ocorra a aprendizagem. Então a aprendizagem é um processo que só é concluído após algum tempo.

A dopamina é o neurotransmissor envolvido na motivação, cujas substâncias são responsáveis pela aprendizagem (PANTANO; ASSENCIO-FERREIRA, 2009).

Entretanto, independente de onde e quando realmente acontece o aprendizado, o ato de aprender altera processos cognitivos conforme a contribuição de fatores internos e externos. Logo é preciso considerar as experiências vividas e o ambiente escolar, familiar, a influência dos relacionamentos e as consequências que esses fatores trazem para a motivação na escola (ARTERO, 2012).

Para entender como esse processo ocorre no cérebro, o próximo capítulo explanará esses sistemas neurobiológicos envolvidos na motivação.

### 3 SISTEMAS NEUROBIOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA MOTIVAÇÃO E SUA CONEXÃO COM A EMOÇÃO

Conforme exposto no capítulo anterior, a aprendizagem é permeada por vários fatores neurobiológicos, todavia não é possível falar em aprendizagem sem falar de motivação e emoção, cuja estrutura envolvida nesse processo é o sistema límbico.

A expressão *sistema límbico* é usada para referir-se ao conjunto de estruturas do sistema nervoso central que participam da coordenação subjetiva e comportamental das emoções. Mas algumas estruturas desse sistema, incluídas pela sua origem conceitual a partir do circuito de Papez<sup>3</sup>, exercem influência significativa em outras funções e podem estar pouco relacionadas com as emoções (OLIVEIRA; PEREIRA; VOLCHAN, 2013). Entretanto, segundo Krebs, Weinberg e Akesson (2013), é no circuito límbico que ocorre a regulação de aspectos emocionais, motivacionais, afetivos e comportamentais. Os *inputs*<sup>4</sup> da área frontal do lobo límbico, do hipocampo e da amígdala projetam-se para o *nucleos accumbens*, e os *outputs*<sup>5</sup> projetam-se para o tálamo.

O núcleo acumbente foi proposto como um elemento-chave na integração das emoções com as ações motoras voluntárias. Ele recebe informações de diversas áreas cerebrais envolvidas no processamento emocional, no aprendizado e na memória, bem como a amígdala, o hipocampo e o córtex pré-frontal (CANTERAS; BITTENCOURT, 2013).

O circuito dopaminérgico (aquele em que o neurotransmissor é a dopamina) comunica-se com o núcleo acumbente, e esse com o córtex pré-frontal. Os estímulos nesse circuito geram sensação de prazer e bem-estar. É ele que está ligado ao fenômeno da motivação (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 80).

A amígdala encontra-se no polo temporal medianamente abaixo do córtex e é uma estrutura complexa (OLIVEIRA; PEREIRA; VOLCHAN, 2013), que representa uma interface entre cognição e emoção, bem como apresenta papel na modulação dos comportamentos motivados (CANTERAS; BITTENCOURT, 2013). Ain-

da para esses autores, ela recebe informações sensoriais do tálamo e das vias eferentes viscerais, integra-os e dá a eles um cunho afetivo. Essa estrutura também se comunica com o hipotálamo e modula diretamente ações associadas ao comportamento motivado.

O hipotálamo, região do encéfalo que ajusta as respostas fisiológicas aos estímulos e organiza os comportamentos que mantêm a homeostase, apresenta centros excitatórios e inibitórios que regulam os comportamentos motivados, apresentando ligações com os lobos frontais, amígdala e medula espinhal. O hipocampo, uma das estruturas do sistema límbico, atua na motivação especialmente por seu papel na memória (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, p. 293).

Para os mesmos autores supracitados, essas ligações mencionadas anteriormente permitem que as pessoas antecipem suas reações emocionais a diferentes situações, o que as ajuda a regular o seu comportamento. Sendo assim, os estados emocionais geralmente motivam comportamentos específicos.

O prazer que sentimos ao fazer algo agradável – a recompensa – é resultado da ativação de neurônios de dopamina no núcleo *accumbens* (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, p. 203). Logo a aprendizagem está relacionada ao prazer que o aluno sente em estudar.

Para o armazenamento da informação ser efetivo, devem haver modificações constantes nas redes sinápticas de cada memória. E só a reativação dessas sinapses permite a evocação de uma memória. Fatores como o estado de ânimo e as emoções podem inibir esses processos (RELVAS, 2010).

No cotidiano, entendemos essa relação entre as estruturas apresentadas quando Goleman (1995, p. 18) diz que:

Quando investigam por que a evolução da espécie humana deu à emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascensão do coração sobre a razão. São as nossas emoções, dizem esses pesquisadores, que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos de tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto [...]. Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao lon-

<sup>3</sup> Teoria que explica a experiência subjetiva da emoção como um fluxo de informações que obedecem a conexões anatômicas entre o hipotálamo e o córtex medial.

<sup>4</sup> Percepção, entrada da informação.

<sup>5</sup> A ação, saída da resposta.

go da vida provou ser a mais acertada. À medida que, ao longo da evolução humana, situações desse tipo foram se repetindo, a importância do repertório emocional utilizado para garantir a sobrevivência da nossa espécie foi atestada pelo fato desse repertório ter ficado gravado no sistema nervoso humano como inclinações inatas e automáticas do coração.

Por tudo isso fica evidente a importância da motivação na aprendizagem, que será descrita abaixo.

### 3.1 A MOTIVAÇÃO

Para Relvas (2010), a aprendizagem gera uma transformação na estrutura mental do indivíduo que aprende. Essa mudança ocorre por meio da alteração de conduta do mesmo. E essa conduta compreende movimentos voluntários, que são motivados buscando satisfazer alguma necessidade (DALMAZ, 2008, p. 510). Essa motivação pode ser abstrata, mas também bastante concreta.

E justamente a partir dessa motivação é que a aprendizagem inicia. Ela pode ocorrer no interior do sujeito, entre as relações de troca com o meio e, principalmente, com colegas e professores (RELVAS, 2010).

Na escola, para que o aluno adquira o conhecimento, o interesse é fundamental (RELVAS, 2010), pois a motivação está intimamente relacionada a ele. Ambos os incentivos foram comprovados em testes realizados com estudantes, quando se notou que os que aprendem mais facilmente obtiveram os resultados mais altos. Mas esse resultado não pode ser um fato absoluto somente ligado a motivação e interesse, uma vez que vários fatores influenciam o sucesso escolar, como o ambiente escolar, fatores culturais, conhecimentos de mundo, etc. (COSENZA; GUERRA, 2011).

Gazzaniga e Heatherton (2005, p. 281), que apresentam teorias mais gerais da motivação, destacam quatro qualidades dos estados motivacionais: primeira, elas são *energizantes* (ativam ou estimulam comportamentos); segunda, são *diretivas*, ou seja, dirigem o comportamento para satisfazer objetivos ou necessidades específicas; terceira, referente à *persistência*, faz com que a pessoa tenha certo comportamento a fim de atingir seus objetivos ou saciar suas necessidades; e, por último, a quarta qualidade depende de fatores internos e externos: a *força*.

A teoria central para muitas teorias da motivação é o *princípio do prazer*, de Freud, que diz que os impulsos são satisfeitos para buscar o prazer e evitar a dor. Surge, então, na Grécia, o *hedonismo*, que se refere às experiências humanas de prazer e desprazer (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, p. 284). Conclui-se, então, que a motivação ocorre para a busca do prazer e para evitar a dor.

Para aprofundar mais ainda as questões em estudo, alguns autores apresentam duas categorias gerais de motivação: a **motivação extrínseca**, que destaca os objetivos externos, e a **motivação intrínseca**, que se refere ao valor ou prazer que está associado à atividade, mas não tem nenhuma finalidade biológica aparente. Comportamentos intrínsecos motivados são realizados naturalmente (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005).

Tudo o que está sendo teorizado até agora ainda pode ser complementado pela Teoria de Maslow<sup>6</sup>, que propõe uma hierarquia de necessidades de um indivíduo, que varia de pessoa para pessoa, na qual somente quando um nível está satisfeito é que o próximo pode ser atendido. Com isso pode-se dizer que ela está relacionada com as reações comportamentais que devem ser observadas em sala de aula. Em outras palavras: quando uma necessidade já foi atendida, não há mais motivação, por isso a passagem para o próximo nível (RELVAS, 2010, p. 93).

Esses conceitos apresentados acima facilitarão a compreensão dos resultados abaixo e sua consequência na aprendizagem dos discentes.

### 4 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, além da pesquisa bibliográfica sobre a neurociência como sistema neurobiológico e suas contribuições para elucidar o fenômeno de estudo, foi realizada uma pesquisa descritiva, cuja técnica utilizada foi o questionário. Ou seja, a discussão dos resultados foi baseada nos dados quantitativos – que contou com a participação de 102 alunos das oito turmas do Ensino Fundamental II de uma escola pública do município de Dois Irmãos, RS, Brasil. Desse total, 29 discentes eram do 6º ano, 34 do 7º ano, 25 do 8º ano e 14 do 9º ano.

A escolha da técnica justifica-se pelo fato de que o número de estudantes participantes era grande para

<sup>6</sup> Psicólogo americano que julgava as necessidades fisiológicas como base da pirâmide; depois de satisfeitas essas, recorria-se às necessidades de segurança, de relacionamento, de estima, chegando ao topo com as de realização pessoal.

analisar diversas opiniões de vários partícipes e também porque eles poderiam desviar do assunto proposto.

Optou-se em realizar a entrega do termo de consentimento livre e esclarecido para todos os alunos do Ensino Fundamental II para uma maior precisão possível dos dados coletados.

Para a participação nessa pesquisa, inicialmente todos os estudantes receberam duas vias do termo – sendo que a primeira via é da pesquisadora e a segunda via do responsável pelo menor –, levaram para casa a fim de que seus responsáveis lessem e assinassem autorizando a participação dos mesmos nesse estudo.

No dia seguinte, retornaram com uma das vias assinada. Entretanto, nem todos impetraram autorização para participar da pesquisa. Os que obtiveram consentimento responderam ao questionário, que continha dezesseis assertivas sobre atitudes que motivavam ou não a sua aprendizagem e, antes de responder cada uma, receberam orientações da pesquisadora nas questões que não compreendiam sua finalidade.

O questionário foi respondido em cada uma das salas de aula das turmas participantes da pesquisa. Cada uma delas respondeu o questionário em um tempo médio de trinta minutos. Ao ler as assertivas, mesmo não

sendo pedido pela autora da pesquisa, os alunos realizavam comentários sobre docentes que praticavam as atitudes mencionadas ou não.

Ainda no questionário, preencheram somente o ano escolar, e as respostas eram marcadas com um “x” em “sim” ou “não”. Ou seja, não havia dados pessoais a serem escritos.

Além da importância para o trabalho, foi muito bom o momento da aplicação dos questionários, pois os alunos demonstravam sentimentos e relatavam situações que já haviam vivenciado e identificaram-se nas assertivas do mesmo, além da liberdade que tiveram para expor e fazer críticas, bem como mostrar suas angústias.

No final do preenchimento do questionário em todas as turmas, as respostas foram contabilizadas e a seguir, então, estão os resultados obtidos.

### **5 COMO OS DOCENTES MOTIVAM A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES?**

Baseada nos resultados obtidos através do questionário aplicado, conforme tabela abaixo, pode-se ponderar sobre vários fatores que motivam ou desmotivam a aprendizagem dos educados no Ensino Fundamental II.

	6º ano		7º ano		8º ano		9º ano	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
<b>Assertiva</b>								
1 Conversar com o aluno sobre outros assuntos que não os referentes às aulas.	27	2	29	5	21	4	14	0
2 Ser gentil com o(a) aluno(a), ser carinhoso, querer saber se está tudo bem, ou seja, de alguma maneira demonstrar afetividade.	25	4	33	1	22	3	11	3
3 Ter paciência, como: ditar devagar, explicar novamente.	29	0	33	1	25	0	13	1
4 Gostar do(a) professor(a) e não, necessariamente, da disciplina; ou ambos.	24	5	26	8	20	5	13	1
5 Realizar atividades como: jogos, vídeos, debates, passeios, etc.	29	0	34	0	23	2	14	0
6 Observar o(a) aluno(a) no momento da realização de atividades e perguntar se há dúvidas.	28	1	25	9	22	3	12	2
7 Fazer brincadeiras ou falar coisas engraçadas enquanto estiver explicando.	23	6	28	6	21	4	14	0
8 Elogiar a turma: diferentes dos demais, etc.)	26	3	23	11	19	6	12	2
9 Elogiá-lo(a) na frente da turma.	20	9	27	7	14	11	10	4
10 Relacionar conteúdos com assuntos do cotidiano.	24	5	29	5	21	4	10	4
11 Gritar.	1	28	0	34	2	23	1	13

12 Falar sobre assuntos que não têm a ver com a aula (falar de outros professores, turmas, alunos) ou fazer atividades que deveriam fazer fora da sala de aula.	3	26	7	27	10	15	4	10
13 Ofender você ou um colega.	0	29	0	34	0	25	0	14
14 Pedir para copiar conteúdos do livro e não explicar.	0	29	0	34	1	24	0	14
15 Dizer que você (ou algum colega) não sabe determinado conteúdo, que não conseguirá aprender.	1	28	2	32	2	23	2	12
16 Brigar/xingar/humilhar a turma.	1	28	0	34	0	25	0	14

Tabela 1: Relação entre assertivas e respostas para as 16 perguntas do questionário.

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, qualquer atenção voltada ao aluno valoriza-o. Logo, atitudes simples, como as das assertivas 1 e 6, que mostraram alta porcentagem positiva sobre essas ações, motivam-nos e conseqüentemente contribuem em seu rendimento em sala de aula.

Para Relvas (2010, p. 13), o que sempre inquietou é que alguns estudantes não acompanham a aula da maneira que ela foi planejada. Uma das explicações para isso é que é necessário compreender sua totalidade, já que o professor não pode mais – em sua atividade – deixar de assumir vínculos afetivos com os alunos, pois seu objetivo é estimular as potencialidades do conhecimento humano. É o que fica evidente nas assertivas 2 e 4, relacionadas à afetividade, nas quais houve uma média de 89,2 e 81,3% de respostas positivas a elas, respectivamente, evidenciando que deve haver um vínculo afetivo entre professor/aluno, a fim de contribuir na aprendizagem desses.

Estrada (2004), em seu trabalho sobre a crise dos paradigmas e a educação, diz que geralmente o professor espera que todos os alunos apresentem um mesmo comportamento e que reajam de maneira semelhante frente a uma motivação; logo, assim, desaparece a unidade “aluno” para dar espaço à unidade “classe”. Todavia se sabe que não é possível atingir todos os educandos, pois, como mostram as respostas referentes às assertivas 11 e 15, a resposta “não” não prevaleceu em todos os anos, pois atitudes como essa não farão uma turma inteira querer estudar.

As respostas “sim” para essas mesmas duas perguntas são um exemplo de **repressão**. Esse termo, conforme Izquierdo (2011, p. 41), compreende o conteúdo das memórias de acontecimentos humilhantes, desagradáveis ou simplesmente inconvenientes de cada pessoa, ou seja, esses tipos de memórias podem ser lembradas e possivelmente interferem no aprendizado.

Ainda sobre as assertivas citadas anteriormente e as 3, 8 e 9, que demonstram situações em que há (ou não) um elo entre aluno e professor, Meirieu (2005) alega que, quando os alunos encontram-se em uma situação difícil, quando têm uma atividade que não sabem se irão superar, deve-se fazer uma aliança com um adulto em quem se confia – que deve ser seu professor –, mas não para ultrapassar o desafio pelo aluno, e sim para orientá-lo a fim de que ele tenha um suporte e mobilize-se sozinho. Assim, pode-se afirmar que, por esse motivo, a maioria respondeu “não” para as primeiras assertivas e “sim” para as últimas mencionadas.

Outro tópico a ser discutido tem a ver com a relação professor-aluno. Para Willingham (2011), todos os alunos têm habilidades valiosas. No oriente, os discentes que fracassam são tachados como não esforçados. Logo, elogiar os alunos, por exemplo, pode sim ser uma motivação para que esse fracasso se transforme em sucesso.

Na assertiva 7, pode-se fazer uma alusão à consideração de Monteiro et al. (2012). Esse, ao realizar o estudo “A influência do discurso do professor na motivação e na interação social em sala de aula”, afirma que o professor se preocupa com a atividade que irá realizar, mas não com sua interação e de seus alunos. Logo, falar coisas engraçadas, usar o bom humor – como o professor do estudo citado – motiva os alunos a interagir. Essa interação, ao mesmo tempo, instiga-os para a discussão do assunto que está sendo aprendido. Herculano-Houzel (2012) também afirma que o senso de humor é importante nas interações sociais, bem como um grande motivador do aprendizado.

Artero (2012) diz que um dos desafios para que o serviço escolar seja de qualidade é o modo tradicional de ensino. Os alunos de hoje não nasceram na era em que somente devem ouvir e repetir; isso não os cativa.

Eles desejam que as atividades não sejam executadas somente com lápis e borracha, mas sim que fujam do tradicional, como fica evidenciado na assertiva 5, na qual somente em um ano houve a resposta “não”.

Além disso, o autor referido acima assegura que habilidades e competências, como pesquisar, interpretar, entender as características de uma sociedade em transformação (entre outros), são alguns dos objetivos valorizados atualmente, o que é corroborado no resultado da assertiva 10, segundo a qual os alunos compreendem melhor os conceitos e pretextos quando esses estão inseridos em seu cotidiano.

Ainda sobre a assertiva 10, Willingham (2011) diz que o professor limitado exige que os alunos repitam fatos que eles não compreendem, e isso tornou-se clichê na educação. Sendo assim, compreende-se que alunos prefiram aulas em que possam vivenciar o que aprendem e não somente ouvir e reproduzir o mesmo.

Também se pode considerar o que não motiva os alunos: situações nas quais o professor fala sobre assuntos que não condizem com a aula, em que o mesmo não se refere à turma, mas sim a alheios, conforme respostas da assertiva 12, que exhibe 76,4% dos participantes como fator não motivador.

A partir de todas essas considerações, Artero (2012) fala que o papel do professor deve ser o de um gerador de experiências positivas relacionadas ao conhecimento. Fato comprovado nas assertivas 11 e 13 a 16, nas quais uma média de 97,4% dos alunos respondeu “não” para essas atitudes docentes.

Entretanto, ainda segundo Artero (2012), as memórias que se consolidam podem ser facilmente acessadas em momentos oportunos mesmo que elas sejam, de alguma forma, prejudiciais. É o que pode justificar os que responderam “sim” para as assertivas 11 e 13 a 16, pois esses acontecimentos negativos, para a maioria, não motivam sua aprendizagem.

Por tudo isso, é importante ressaltar o que Guimarães e Boruchovitch (2004) afirmam referente à literatura sobre a motivação no contexto escolar: a constatação de outros autores é de que as referências literárias sobre o assunto têm destacado os resultados positivos para a aprendizagem e desempenho dos alunos decorrentes da orientação motivacional intrínseca. Pensando então nesse aspecto, o estilo motivacional do professor mostra-se um fator muito importante no constructo educacional do indivíduo, já que esse reflete o impacto que professor exerce no desenvolvimento motivacional dos estudantes.

Assim, podem-se determinar alguns fatores motivacionais no diagrama abaixo:



Figura 1 – Fatores motivacionais.  
Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dessas constatações observadas as respostas obtidas pelo questionário e pela análise desses dados, foram elaboradas sugestões que serão explicadas no próximo subcapítulo.

### 5.1 SUGESTÕES DE COMO TORNAR A PRÁTICA DOCENTE MAIS SIGNIFICATIVA

Com base nas respostas obtidas dos discentes para as atitudes motivadoras dos docentes que contribuem em seu aprendizado e na análise realizada das mesmas, concomitantemente com a vivência profissional, estão indicadas abaixo algumas sugestões para uma prática docente que torne a aprendizagem significativa.

- **Seja bem-humorado!** O simples fato de exibir um sorriso, de estar de bem com a vida, é transmitido aos alunos, e assim eles conseguem retribuir o que estão percebendo e sentindo. Fazer graça durante uma explicação faz com que eles descontraiam e vejam sua aula com outros olhos. Porém não podemos deixar que problemas pessoais interfiram na atividade profissional; afinal, problemas todo mundo tem, e nossos alunos não têm culpa disso.

- **Associe conteúdo com o cotidiano!** Citar e discutir reportagens, notícias, fatos que acontecem em suas casas, em seu cotidiano, faz com que eles percebam a relação e relevância entre o mundo em que vivem e os

conteúdos estudados, o que pode findar na compreensão da importância dos estudos para a sua vida.

• **Converse com seus alunos!** Devido a algumas carências, muitas vezes eles só precisam de uma palavra confortante, estimulante, e isso pode gerar um vínculo que culminará em um aluno dedicado e respeitoso.

• **Demonstre afetividade!** Ao saber que é benquisto, o aluno percebe o quão importante é para seu professor e retribui de forma aprazível para o docente.

• **Realize atividades diferenciadas!** Proponha atividades em que os alunos saiam das filas organizadas ou que vão para fora da sala de aula. Realizar jogos, por exemplo, em que possam unir-se com os colegas ou observar o mais simples e corriqueiro dos fenômenos, pode ser muito estimulante para eles.

• **Demonstre confiança na capacidade de seus alunos!** Mesmo que um aluno tenha dificuldade, ela pode ser superada com apoio, incentivo e credibilidade. Ao ouvir que consegue realizar algo, ele irá esforçar-se para demonstrar isso a quem lhe conferiu tal competência.

• **Não seja austero!** Com palavras duras e ofensas é difícil conquistar um aluno, e por conseguinte, a reciprocidade se refletirá em sala de aula.

• **Seja respeitoso!** Atitudes como gritar e humilhar, na grande maioria das vezes, não motivam nenhum aluno; pelo contrário, ele pode tornar-se retraído e, como consequência, não atender às suas expectativas. É difícil, pois muitas vezes não temos o respeito que merecemos, mas não custa tentar.

• **Dê o exemplo!** Não realize atividades em sala de aula que não gostaria que seus alunos também fizessem. Nessa fase de transição entre a infância e a adolescência, eles são muito críticos e não gostam de comparações. Não que não devam ser feitas, mas conversar sobre a individualidade de cada um (aluno e professor), e não dos outros, é mais relevante.

• **Tenha paciência e dialogue!** Nenhum indivíduo é igual a outro, e conseqüentemente nenhum corresponderá igualmente e ao mesmo tempo às suas expectativas. Assim, tenha paciência, converse, explique, retome, utilize métodos diferentes para abordar um mesmo conteúdo; só assim obterá o sucesso de seus alunos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje em dia, a educação vem sendo descredibilizada pouco a pouco devido ao baixo salário dos docentes, à precariedade da infraestrutura de muitos ambientes escolares e à falta de funcionários para esse serviço, principalmente de professores.

Além disso, professores desmotivados com a realidade do ofício que escolheram ainda têm que enfrentar problemas com o desenvolvimento de sua atividade, pois atualmente vemos alunos desmotivados e descompromissados com a educação como não se via poucas décadas atrás.

Nossos alunos nasceram em outro “tempo”, muito diferente de nosso “tempo”. Para contribuir nesse processo, o período em que se encontram (transição infância/adolescência) gera muitos conflitos e insatisfações a eles. Nessa era digital, copiar e ouvir o que o professor tem a dizer não é interessante. Qualquer coisa chama a atenção deles, menos a aula.

Os alunos até gostam de frequentar a escola, mas pelas amizades, relacionamentos, ou seja, pelo convívio social. Por isso pode-se dizer que, recentemente, o professor tem o dever de motivar seus alunos.

Essa motivação não consiste em incentivar a realização de uma atividade ou um estímulo para estudar para uma prova; é mais do que isso: é interagir, dialogar, atingir emocionalmente esse aluno para que ele possa produzir o retorno esperado, pois o professor não é mais um transmissor de conhecimento, mas sim um mediador.

Vários são os métodos de atingir os alunos e assim promover uma aprendizagem significativa. Atualmente, não há como o vínculo professor/aluno não envolver a relação motivação/emoção. Para isso, é necessário motivá-los com demonstração de afetividade, conversas paralelas, muita paciência, realizar atividades diferenciadas, usar o bom humor, elogiar e incentivar os alunos, além de relacionar conteúdos com assuntos do cotidiano.

Já atitudes como gritar, ofender, falar sobre assuntos incoerentes, que não têm a ver com a aula, pedir para copiar conteúdos do livro e não explicar, afirmar que o aluno não sabe e que não tem capacidade de aprender, bem como xingar e humilhar a turma são atitudes desmotivadoras.

Entretanto, para tudo isso acontecer, é claro que se deve levar em consideração as características individuais de cada aluno e até mesmo de cada educador.

Por tudo isso, é importante ressaltar que este trabalho verificou somente a motivação do professor na contribuição da aprendizagem dos alunos, não os fatores extraclasse como família, sociedade, relacionamentos pessoais etc.

Por fim: o professor não é um ser inatingível, com o qual os alunos não conversam e não podem ter uma relação. É imprescindível que esse paradigma seja que-

brado por alguns docentes resistentes à evolução das gerações e das tecnologias. Para isso, o conhecimento básico das contribuições das neurociências para o aprendizado é iminente.

## REFERÊNCIAS

- ARTERO, Tiago Tristão. A motivação e sua relação com os problemas de aprendizagem. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 3, n. 3, p. 1122-132, 2012. Disponível em: <<http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/227>>. Acesso em: 08 mar. 2014.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interao/article/view/5271>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CANTERAS, Newton Sabino; BITTENCOURT, Jackson Cioni. Comportamentos motivados e emoções. In: LENT, Roberto (Coord.) **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 227-240.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DALMAZ, Carla. Motivação. In: BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 509-532.
- ESTRADA, Adrian Alvarez. A crise dos paradigmas e a educação. **Educere**, Umuarama. v.4, n. 1, p.5-18, 2004. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/educere/article/view/176/150>>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- FLOR, Damaris; CARVALHO, Terezinha Augusta Pereira de. **Neurociência para educador: coletânea de subsídios para "alfabetização neurocientífica"**. São Paulo: Baraúna, 2011.
- GAZZANIGA, Michael S.; HEATHERTON, Tood F. **Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 51. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evelyn. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22466.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2013.
- HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.
- IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- KREBS, Claudia; WEINBERG, Joanne; AKESSON, Elizabeth. **Neurociências ilustrada**. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MONTEIRO, Marco Aurélio Alvarenga et al. A influência do discurso do professor na motivação e na interação social em sala de aula. **Ciência & Educação**, v. 18, n. 4, p. 997-1010, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132012000400016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132012000400016&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- OLIVEIRA, Leticia de; PEREIRA, Mirtes Garcia; VOLCHAN, Eliane. Processamento emocional no cérebro humano. In: LENT, Roberto (Coord.) **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 253-269.
- PANTANO, Telma; ASENCIO-FERREIRA, Vicente José. Introdução às neurociências. In: PANTANO, T.; ZORZI, J.L. (Org.). **Neurociência aplicada à aprendizagem**. São José dos Campos: Pulso, 2009. p. 10-15.
- RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e educação: potencialidades dos gêneros humanos na sala de aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- WILLINGHAM, Daniel T. **Por que os alunos não gostam da escola?: respostas da ciência cognitiva para tornar a sala de aula atrativa e efetiva**. Porto Alegre: Artmed, 2011.